

# ENTRE O ESCREVER E O MORRER

Sobre *Embora*, de Paulo Henriques Britto

Henrique Duarte Neto

O tempo passa, mas Paulo Henriques Britto continua com sua verve cética afiada neste *Embora* (Companhia das Letras, 2026), que nos chega realmente em boa hora. Com um percurso poético consolidado, “imortal” da Academia Brasileira de Letras, o autor é, do alto de seus 75 anos, sem medo de errarmos, um dos mais instigantes nomes da poesia contemporânea em língua portuguesa. Nesse sentido, livros como *Formas do nada* (2012), *Nenhum mistério* (2018) e *Fim de verão* (2022) são obras fundamentais da poesia brasileira do primeiro quarto deste novo século, coisa que talvez ainda não se tenha enaltecido o suficiente pela crítica.

Ao remetermos ao aludido ceticismo, poderíamos remeter também a certo estoicismo e hedonismo poético no que se refere as obras anteriores de Britto, mas também em relação ao livro publicado neste ano (aqui com uma dosagem maior de ironia amarga) e esse assunto será abordado um pouco mais à frente. O opúsculo de 2026 possui dois grandes ciclos de poemas. O primeiro, denominado



“Intransitivas”, versa sobre a questão do escrever; já o segundo, “Terminais”, sobre a experiência da velhice. São os dois eixos norteadores do livro: o fazer poesia e a inexorabilidade da morte. Ambos expressos em uma linguagem singularíssima, que alia em muitos momentos o erudito ao coloquial, fazendo uso de rimas ricas e inusitadas, bem como reelaborando formas consagradas pela tradição, como o soneto. Porém, além de tudo isso, vários dos outros poemas gravitam em torno de tais ciclos, demonstrando a relevância tanto *a priori* quanto *a posteriori* que “Intransitivas” e “Terminais” possuem.

Por outro lado, há uma das peças, talvez a menos robusta (não tanto em termos de eloquência e retórica, mas muito mais em carnadura formal), que poderia figurar nas assim chamadas (pelo autor) “peças fáceis”, mas que é realmente tocante e de certa forma elegíaca, intitulada “Two trees”: “cling close/ like lovers// (one will/ fall first)” (BRITTO, 2026, p. 16). Acompanha o poemeto uma foto de duas árvores vistas de longe, praticamente como se fossem uma só, como duas amantes, sendo que o poeta propõe que uma delas cairá antes. Trata-se aqui não só de uma esplêndida analogia da condição humana, especialmente daquela em que os casais se separam diante da morte de um dos pares, mas, na nossa visão, a expressão da experiência própria do poeta diante da perda prematura da companheira.

Não obstante, tendo em vista os dez poemas da seção ou ciclo “Intransitivas”, Paulo Henriques Britto, com toda a sua argúcia e potência lírica, serve-se da metalinguagem para pensar o ato de escrever. No poema I, chega mesmo a propor que tal ato está entre o

vício e a terapia: “É palavra em lugar de droga,/ espécie incorpórea de ioga” (BRITTO, 2026, p. 20). Enquanto no poema II, versifica sobre a possibilidade de sermos “mentes teleguiadas” a serviço das palavras (BRITTO, Op. cit., p. 21). Já na peça V, o lance genial é a proposta do “inescrito”, que seria a fonte do próprio escrito. Podemos pensar aqui na questão da inspiração (obra infinita e imaterial) que sofre um recorte no ato da escrita (obra finita e material), tal como está exposta, por exemplo, em *O espaço literário*, de Maurice Blanchot. No poema VI, fazendo referência a Auden, Britto defende que a poesia nem é mimese (como defendem ainda os partidários da tradição mais colada ao real), como talvez nem seja a instauração de um novo mundo, como postula Octavio Paz em *O arco e a lira*, pois “ela não faz nada acontecer”, mas, ao mesmo tempo, o autor de *Embora* talvez referendasse a intuição paziana de que “a poesia é fome de realidade” (PAZ, 1984, p. 80). Isso pode ser defendido, visto que, como nos afirma o poeta carioca na estrofe final do poema: “Negando a massa da realidade,/ o poema, dá o gosto, o som, a cor, / e de algum modo cumpre o que promete” (BRITTO, 2026, p. 25).

Já no poema VIII, vai-se do “nada” ao ser, pois parte-se “da forma sem nada dentro” até manter poeta e fruidor crentes de haver conseguido “espremer sumo da fruta” (BRITTO, Op. cit., p. 27). Esta ilusão fundamental alimenta o próprio exercício da escrita e recepção estética. Ao mesmo tempo, a palavra é vista em toda a sua insignificância (como diria Demócrito: “A palavra, sombra da ação” (In: BORNHEIM, 1989, p. 113)). Contudo, a sua fraqueza é ao mesmo

tempo força: a palavra é o mais potente recurso à disposição do poeta, sua forma de expressão (que estabelece a ilusão de abarcarmos um novo mundo), tendo na inexpressão, no silêncio, a sua contraparte. O poema IX, não obstante, fluído mas um tanto enigmático, possui uma atmosfera um tanto soturna, ou mesmo, em uma palavra, niilista. Já o X, último do ciclo, é assaz interessante. Primeiro, porque sendo como o anterior um soneto, como aquele, não aparece engessado pela forma, soa bastante autêntico e natural ao leitor. Depois, porque aborda, talvez mais do que todos os outros poemas do ciclo, a poética do autor. Britto usa o coloquial para remeter ao seu estilo complexo, e isso é verdadeiramente uma proeza. Além disso, estabelece o seu modo de construir poemas no arremate final (“Fluir travado era o novo ofício” – BRITTO, 2026, p. 29), sem fazer do travamento dos vários poemas dos seus livros regra para esse poema, que aliás é claro e muito belo, ótimo epílogo para a seção. Contudo, realmente, em muitos poemas de livros como *Formas do nada* e *Nenhum mistério*, a linguagem é repleta de entraves discursivos, enquanto em *Embora* essa tendência se ameniza bastante.

Em contrapartida, o outro tema principal desta resenha é a questão da velhice ou da proximidade da morte, apresentado de forma mais abrangente pelo poeta na seção “Terminais”. Um dos poemas, por sinal o primeiro da série, pela própria forma, parece fazer um percurso do esplendor juvenil até a tendência lacunar da velhice e seu fim. Isto se dá porque começa com versos longos na primeira estrofe e, passando para as outras, vão se tornando os versos cada vez mais curtos

até o final – final este que, podemos propor, flerta com o silêncio e com o dilaceramento (BRITTO, 2026, p. 30). Em outros poemas da série o poeta propõe entre vantagens e desvantagens da velhice, a percepção infalível que se caminha para o fim (como no poema IV): “e só sobrou (soçobrou?) o lugar/ de onde se vê (não muito longe) o fim.” (BRITTO, Op. cit., p. 33). Percebendo tudo como efêmero e passageiro, pressente um “presente congelado” (BRITTO: Op. cit., p. 37): uma eternidade vazia, o tão referido nada, em suma, a própria morte. E depois desta, o que pode ser terrível para uns e bem-aventurança para outros, não haverá nenhum futuro.

Entretanto, o poeta não deixa de por um lado assumir um estoicismo bastante particular, aceitar o que as *moiras do destino* lhe reservam, e por outro assumir um hedonismo mitigado. Não por acaso, em relação a estes dois aspectos da sua obra, tira proveito mesmo em momentos cavernosos: “O tempo que ainda resta, embora escasso/ é sempre alguma coisa...” (BRITTO, Op. cit., p. 34). Poder-se-ia propor que há aqui um grande clichê ou platitude, contudo, o poeta faz, a partir de uma linguagem que lhe é própria, uma expressão que nada tem de pensamento filosofante barato, mas que remete diretamente a mais alta filosofia da existência, como, por exemplo, a de um Sêneca, de *Sobre a brevidade da vida*, quando por exemplo este nos diz que “a vida toda é um aprender a morrer” (SÊNECA, 1993, p. 34). E não são vários os poemas de *Embora* uma verdadeira preparação para a morte? Parece-nos, obviamente, que sim. Além disso, como nos diz William Li, na introdução do livro de Sêneca: “Uma vez que a tarefa principal

da filosofia é a salvação pessoal e a plena realização da vida, ela será uma atividade libertadora...” (LI, 1993, p. 17). A plena realização da Vida, parecem nos dizerem os poemas de *Embora*, é a aceitação do fim.

Mas não só o estoicismo pode ser convocado para falarmos da poesia profundamente preocupada com a condição humana, de Paulo Henriques Britto, certo hedonismo, mais precisamente o de Epicuro, pode ser trazido também para essa discussão. A fórmula em que está assentado, muitas vezes, o termo *hedonismo* na cultura moderna leva a pensar numa forma prenhe de prazeres animais, fáceis e imediatos, mas o prazer para Epicuro é algo muito mais nobre e elevado. No penúltimo poema da série, o décimo sétimo, fundamentalmente filosófico, não no sentido de versificar a partir de conceitos, mas de a partir do tom, do ritmo e das imagens suscitadas propor uma experiência de pensamento elevada e nobre, o poeta cumpre os preceitos como este de Epicuro: “É impossível viver prazerosamente sem viver de modo prudente, nobre e justo, tampouco de modo prudente, nobre e justo sem viver prazerosamente” (EPICURO, 2020, p. 127). Já no poema de *Embora*, Britto propõe que há uma: “Necessidade de seguir em frente/ como se houvesse alguma expectativa/ de se chegar a algo mais que o nada” (BRITTO, 2026, p. 46). Apesar de não haver uma promessa de salvação eterna, como a do Cristianismo, o poeta utiliza um “como se” que possui um valor gigantesco. Ele potencializa enormemente a Vida e, tal como o hedonismo filosófico, propõe que sem os prazeres espiritualizados da existência não há a possibilidade de construir uma existência satisfatória.

Assim, Paulo Henriques Britto constrói, por um lado, uma poética plena de visões sofisticadas e, por outro, antagônicas ou ambíguas. Ao mesmo tempo em que valoriza a existência, nietzchianamente a sua potência a ser posta em ação, lamenta, todavia, sua fundamental precariedade. Trata-se, de um dos poucos de nossos poetas que tem uma visão essencialmente trágica da existência, cujo este *Embora* vem a ser, realmente, o pináculo desta perspectiva em sua obra poética de um modo geral. Nesse sentido, a tragicidade do autor de *Nenhum mistério* em certos momentos simboliza pessimismo niilista, em outros um otimismo mais propositivo – em suma, tornam-se o meio para a vazão de uma poesia que sabendo o como fazer, tem muito a nos dizer.

Antes de concluirmos, parece-nos interessante abordar um aspecto central para a perspectiva do livro e para a poética de Paulo Henriques Britto. A partir de tudo que foi dito até aqui, perguntamo-nos se não teremos caído na própria armadilha elaborada pelo autor. Sendo a escrita e a palavra, mero reflexo, pálida representação da realidade (Cf. FOUCAULT, 1988), não estaríamos tomando por fidedigno o que é pura ilusão? A resposta é sim, mas a recepção a este caráter ilusório não passa, necessariamente, por um viés negativo. Um poema que retrata uma maçã, não permite que ao lê-lo sintamos o gosto da maçã. Contudo, Britto expõe-nos que pela ilusão, pela fantasia, suscita-se uma nova perspectiva da realidade, um “como se” que nos faz sentir de algum modo o seu gosto, cheiro, enfim, toda

“materialidade” do fruto. Tal ilusão não possui nenhuma mácula, é algo fundamentalmente benigno. E alçamos, assim, uma nova dimensão da realidade.

Por fim, cabe um registro sobre o título do livro. Aparecendo em alguns de seus poemas, a palavra “embora” implica um todavia, um apesar, um contudo, que ameniza tanto os momentos de pessimismo mais arraigados, como aqueles em que há certo otimismo. Estes últimos, por sinal, bem mais velados. Assim, o poeta que reflete sobre a morte, prepare-se para ir embora em uma boa hora. E lembra-nos de algum modo um compositor genial como Gustav Mahler, que compôs sua despedida (*A canção da terra* e as *Sinfonias 9 e 10*) deixando-nos o que de melhor tinha a oferecer, não tanto na velhice (já que tinha apenas 51 anos incompletos quando partiu), mas no final da vida. Além disso, não só esse aspecto de que as melhores obras são as do período final é que irmanam o músico europeu e o poeta carioca, mas também a coincidência que ambos partem da tradição para, através de um processo de resignificação, chegarem a rupturas nos mais diversos níveis, principalmente no do tom e no da emoção. No caso específico de *Embora*, sem adentrarmos naturalmente em um viés metafísico ou religioso, mas muito mais fazendo a ligação ao aspecto catártico, ousamos afirmar que Paulo Henriques Britto *tollit peccata mundi*.

## REFERÊNCIAS

BLANCHOT, M. **O espaço literário**. Tradução de Á. Cabral. Rio de Janeiro/RJ: Rocco, 2011.

BORNHEIM, G. A. **Os filósofos pré-socráticos**. 6ª edição. São Paulo/SP: Cultrix, 1989.

BRITTO, P. H. **Formas do nada**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2012.

BRITTO, P. H. **Nenhum mistério**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2018.

BRITTO, P. H. **Fim de verão**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2022.

BRITTO, P. H. **Embora**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2026.

EPICURO. **Cartas & máximas principais**. Tradução de M. C. G. dos Reis. São Paulo/SP: Penguin Companhia das Letras, 2020.

FOUCAULT, M. **Isto não é um cachimbo**. Tradução de J. Coli. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1988.

LI, W. “Introdução”. In: SÊNECA. **Sobre a brevidade da vida**. Edição bilíngue. Introdução e tradução W. Li. São Paulo/ SP: Nova Alexandria, 1993.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Tradução de O. Savary. 2ª edição. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 1984.

SÊNECA. **Sobre a brevidade da vida**. Edição bilíngue. Introdução e tradução W. Li. São Paulo/ SP: Nova Alexandria, 1993.

HENRIQUE DUARTE NETO é poeta e crítico literário brasileiro. Publicou dez livros de poesia, sendo o último o recente *Concerto desconcertante*, pelo Selo Cultural Lambrequim. Organizou, junto com Marcos Pasche, o livro coletivo de ensaios *Anatomias da meia-palavra*, sobre a obra de José Paulo Paes (Editora da UFPR, 2022). Também organizou a antologia *Neste remoto agora*, contemplando poemas, só do século XXI, de 24 poetas atuantes na esfera da poesia brasileira contemporânea. E-mail: henriqueduartenet@ yahoo.com.br